

## **Nova: uma revista velha**

**Patrícia Conceição Silva**  
**Tess Chamusca Pirajá**

**Resumo:** O restrito padrão do feminino veiculado na revista *Nova*, a construção ocultada pela aparente naturalidade da categoria mulher, bem como quem ela contempla ou exclui são questões discutidas nesse artigo. Para tal, analisamos o conteúdo (textos e imagens) de seis edições do primeiro semestre de 2008, tendo como referencial teórico autores filiados à Teoria *Queer*.

**Palavras-chave:** Gênero. Heteronormatividade. Revista *Nova*. Sexualidade. *Queer*.

**Abstract:** The restricted pattern of women reported in *Nova* magazine, the construction hidden by apparent naturalness of the category woman, and who it includes or excludes are issues discussed in this article. To do so, we analyze the content (text and images) of six editions of the first half of 2008, having as theoretical reference to *Queer Theory*.

**Keywords:** Gender. Heteronormativity. *Nova Magazine*. Sexuality. *Queer*.

*Patrícia Conceição Silva.* Jornalista, Mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, faz parte do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS), que integra as linhas de pesquisa do CULT. É bolsista do CNPq com atuação no Núcleo de Comunicação do projeto ELSA – Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto/Centro de Investigação – Bahia. E-mail: patriciaconceicao@gmail.com

*Tess Chamusca Pirajá.* Jornalista, Mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. É bolsista CAPES e faz parte do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS), que integra as linhas de pesquisa do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT). E-mail: tesschamusca@gmail.com

<sup>1</sup> Ainda que a expressão “teoria queer” possa suscitar a idéia de um alinhamento teórico entre os intelectuais, há entre eles uma grande diversidade de pensamentos e posições, expressa por divergências e debates internos significativos.

<sup>2</sup> GALLINA, Justina Franchi. (Por) quê corpo importa? Uma alteridade queer no cinema independente norte-americano. In: VII Encontro Internacional Fazendo Gênero, 2006, Florianópolis. *Anais Eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Justina\\_Franchi\\_Gallina\\_16.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Justina_Franchi_Gallina_16.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2009.

## Heteronormatividade e outros conceitos

Este artigo traz algumas reflexões sobre como o imperativo da heteronormatividade se expressa nas páginas da revista feminina *Nova*, guiando a abordagem da publicação acerca de temas relacionados a gênero e sexualidade. A escolha da revista foi baseada em sua tiragem, tradição e participação no mercado, e também na existência de conteúdo abundante e regular sobre gênero e sexualidade em suas edições. Com aproximadamente 340 mil exemplares mensais, o periódico integra a rede internacional *Cosmopolitan*.

Seis edições do primeiro semestre de 2008 (janeiro a junho) foram analisadas tendo como referencial teórico a produção de autores *queers* e suas discussões sobre gênero, sexualidade e identidades sexuais. Por meio da análise do conteúdo da revista (textos e imagens), discutimos através de quais aspectos e caminhos a heteronormatividade é construída em suas páginas.

Por heteronormatividade entendemos a legitimação do modelo heterossexual como norma regulatória das relações sexuais e de gênero na sociedade ocidental contemporânea, que se torna uma imposição ao invés de ser uma entre tantas formas de viver a sexualidade. De acordo com tal padrão, a sexualidade é orientada por aspectos biológicos. Há uma associação entre heterossexualidade e reprodução, concebida como natural, e são atribuídos papéis rígidos e estanques ao feminino e ao masculino.

Problematizar essa institucionalização do modelo heterossexual como normatizador das relações sexuais é o principal objetivo dos teóricos *queers*. A Teoria *queer*<sup>1</sup> começou a ser desenvolvida no final dos anos 1980 por uma série de pesquisadores e ativistas, principalmente norte-americanos, com o objetivo de positivar a expressão “*queer*”, conhecida forma pejorativa para designar e insultar os homossexuais. A proposta é resignificar o termo, que pode ser traduzido por estranho, ridículo, excêntrico ou extraordinário, passando a entendê-lo enquanto prática de vida que se estabelece em conflito com as normas socialmente aceitas.

Além disso, as identificações *queers* são auto-construídas, mutáveis e se opõem à padronização e ao

essencialismo de uma única identidade – vistos como uma forma de dominação cultural que tenta impor um padrão à diversidade das experiências afetivas e sexuais. Resumidamente, a tônica da teoria *queer* reside no fato de congregar toda uma comunidade que se opõe, de diferentes maneiras, à heterossexualidade estabelecida como modelo e a qualquer tipo de enquadramento identitário limitador.<sup>2</sup>

Em confronto com a imposição social da heterossexualidade enquanto norma universal, os teóricos *queers* criticam a heterossexualidade compulsória, buscando desconstruir o modelo e seu principal argumento - o de que a sexualidade seguiria um curso natural, no qual sexo, gênero, práticas sexuais e desejo formam uma linha contínua e supostamente coerente.<sup>3</sup>

Com o intuito de desmistificar essa aparente relação de continuidade, Judith Butler traz o conceito da performatividade - a constante reiteração das regras que norteiam e materializam o sexo dos sujeitos. “A performatividade não é, assim, um ‘ato singular’. (...) E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta e dissimula as convenções das quais ela é uma repetição”.<sup>4</sup>

Observar a *Nova* com um olhar *queer* e atento às performatividades dos gêneros significa discutir em que medida os conhecimentos acerca da sexualidade presentes na revista estão fundados num ponto de vista biológico e naturalizante. E, ainda, questionar que normas sexuais e de gênero regulam os corpos, desejos e comportamentos sexuais. Essas reflexões se mostram fundamentais quando atentamos para o fato de que estudos anteriores<sup>5</sup> apontam para a importância das revistas femininas na construção da percepção acerca do que é ser mulher, sugerindo formas de pensar sobre elas mesmas e sobre tipos de estilos de vida. Segundo essa perspectiva, as publicações não apenas refletem o papel feminino na sociedade, como também contribuem para defini-lo culturalmente e socializá-lo entre suas leitoras.

### **A revista *Nova***

O sexo foi se insinuando nas revistas brasileiras lentamente. Por volta de 1960 pouco era mencionado

<sup>3</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>4</sup> BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 167.

<sup>5</sup> Ver SIMON, W. and J.H. GAGNON. A sexual scripts approach. In: GEER, J. and O'DONAHUE, W. (eds.). *Theories of human sexuality*. New York: Plenum, 1987, p. 363-383.

<sup>6</sup> LIMA, Luísa Guimarães. Você, mulher em revista. Estudo sobre uma modernização do discurso de gênero, na década de 70. In: *XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, 2003, Belo Horizonte.

<sup>7</sup> MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas*. A segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'água/Fapesp, 2001.

<sup>8</sup> ULIANA, Márcia Bortoli. Páginas de revista: a construção de uma "nova" mulher. *Espaço Plural*, Cascavel, v. 7, n.15, 2006, p. 33.

nas matérias, surgindo geralmente nos momentos em que se falava de métodos de controle de natalidade. Nas páginas de *Cláudia*, a jornalista Carmen da Silva foi a primeira a tratar mais profundamente do assunto, discutindo inclusive a questão do prazer sexual, um tabu até então. As discussões de sua coluna, entretanto, não extrapolavam para o restante da revista.

Com a chegada dos anos 1970, a disseminação da pílula trouxe grande curiosidade sobre a temática sexual, entre as mulheres. As duas maiores publicações femininas da época – *Capricho e Cláudia* – eram bastante cautelosas para tratar do tema. Criaram-se assim alternativas para suprir esta lacuna, entre elas a Revista *Nova*, publicação da Editora Abril lançada em outubro de 1973, voltada para mulheres com ambições profissionais e certa liberação sexual.

*Nova* surge em um contexto de segmentação editorial, no qual se firma a ideia de que as revistas não deveriam mais buscar um matiz amplo de preferências e sim centrar-se em peculiaridades e gostos de um público específico, de grupos menores de consumidores e anunciantes.<sup>6</sup> Ao invés de representarem o orgulho de ser brasileiro/a e aspectos ligados à identidade nacional, mais presentes nas publicações da década anterior, os produtos culturais daquela época estavam mais próximos a um discurso voltado para a construção de identidades de indivíduos ou grupos.

Assim, o periódico surge para atender a um público formado por mulheres solteiras “emancipadas” e adota uma postura considerada vanguardista para o período. De acordo com Mira<sup>7</sup>, *Nova* foi a primeira revista no Brasil a publicar a palavra “orgasmo” e o fez logo na capa de sua primeira edição. Na medida em que o sexo foi ganhando espaço gradualmente nas revistas brasileiras, *Nova* surgiu como a maior representante do segmento preocupada com a temática sexual. Tal característica tornou-se seu diferencial em relação a publicações como *Cláudia*, *Capricho e Elle*.

Grosso modo, enquanto *Claudia* destina-se à casa/mãe/esposa, ao sexo ligado ao matrimônio, ao trabalho em segundo plano, *Nova Cosmopolitan* dedica-se à mulher que trabalha, solteira/separada/recém-casada, torna o sexo sinônimo de prazer e a sedução como parte de sua vida.<sup>8</sup>

*Nova* é a versão brasileira da *Cosmopolitan* americana, rede internacional que tem edições locais em diversos países do Ocidente e no Japão. A filosofia da *Cosmopolitan* reside na idéia de que a leitora precisa ter confiança em si mesma, algo como “você é capaz”. Modelos com roupas sensuais na capa, artigos e reportagens sobre sexo e comportamento, um desejo de luxo e requinte, certa descontração e alguns elementos culturais foram os ingredientes da fórmula internacional que se adaptou ao público brasileiro.

A rede *Cosmopolitan* atinge um patamar elevado de leitores. No ano de 1994, contabilizava 28 edições publicadas em 14 línguas diferentes, circulando em 80 países e atingindo 30 milhões de leitoras.<sup>9</sup> No Brasil, de acordo com os estudos Marplan de 2009, 75% do público leitor da revista *Nova* possuía entre 20 e 49 anos, 88% eram mulheres e 58% pertenciam à classe B. Hum milhão e duzentas e vinte e duas mil pessoas leram a publicação durante o ano citado.<sup>10</sup>

Atualmente, no site da Editora Abril, *Nova* é definida como a revista que “incentiva e orienta a mulher na busca pela realização pessoal e profissional. Estimula a ousadia e a coragem para enfrentar os desafios, a busca pelo prazer sem culpa e a construção da auto-estima e da autoconfiança”.<sup>11</sup>

A publicação é composta pelas seções *Beleza e Saúde; Vida e Trabalho; Moda e Estilo; Amor e Sexo; É quente, é Nova; Gente Famosa e Mais*. Essa última é composta de um editorial (*Notícias da redação*), uma página dedicada às cartas de leitoras (*Opinião Livre*), indicações de compras organizadas a partir de um tema (*Nova conta tudo*), *Horóscopo*, uma coluna assinada por um psiquiatra (*Terapia de 5 minutos*), uma entrevista ping-pong com alguma celebridade do sexo masculino (*Passarela de Nova*) e uma página com comentários sobre um anúncio publicado na edição anterior (*Nova de ouro*).

*Nova* representa um tipo diferente de revista dentro do nosso mercado. Sua leitora estuda e/ou trabalha fora e não tem grandes preocupações domésticas. No máximo, quer habitar um lugarzinho bem decorado e saber fazer um prato gostoso para agradar ao namorado. No fundo, o velho ‘agarre seu homem’. Porém, dá espaço para colunas de jornalistas, indica livros e discos de qualidade,

<sup>9</sup> MIRA, op. cit.

<sup>10</sup> PUBLIABRIL. Desenvolvido pela Editora Abril S.A. Site oficial da Editora Abril. Disponível em <<http://www.publiabril.com.br/marcas/nova/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990, p. 51.

<sup>13</sup> Revista *Nova* n. 415, abr. de 2008.

<sup>14</sup> Revista *Nova* n. 413, fev. de 2008.

<sup>15</sup> Revista *Nova* n. 414, mar. de 2008.

publica algumas boas reportagens, no meio de testes, horóscopo, seções de consultório, médico, moda, conselhos para melhorar a performance sexual etc.<sup>12</sup>

Direta ou indiretamente, *Nova* fala sobre sexo na maioria de suas páginas, até mesmo nos anúncios e ensaios de moda. Mas a publicação também dá um grande destaque a notícias e reportagens sobre beleza e saúde. Na revista, as duas coisas são representadas de modo bastante relacionado. A “mulher de *Nova*” faz de tudo para ser bonita, mas deve sempre se questionar se está vivendo de uma maneira saudável.

### **Análise: a mulher de *Nova* e as normas regulatórias na publicação**

A presente análise foi concretizada a partir de quatro eixos de investigação: como a revista *Nova* se comunica com suas leitoras de forma normativa e imperativa, a “mulher de *Nova*” e sua restrita possibilidade de subversão dos padrões, a lésbica como corpo abjeto, e o uso do discurso científico para o reforço das regras heteronormativas.

Ao analisar as seis edições de *Nova*, alguns pontos para reflexão saltam aos olhos. O primeiro deles é o viés claramente normativo da revista. Os artigos e reportagens seguem a linha de guia ou manual, fornecendo receitas, passo-a-passo, dicas e truques sobre como fazer ou conquistar algo. A impressão é que há somente uma única forma correta, aceitável ou desejável de agir.

Depois de um papo de fazer o coração acelerar, ele pediu seu número. Mas, longos dias já se passaram e nada... Seguindo nosso Plano de Ação do Primeiro Encontro, seu celular vai tocar!<sup>13</sup>

Biquinho já! O guia das nove praias brasileiras com solteiros, pegação e agito garantidos.<sup>14</sup>

Quatro roteiros com manobras tão calientes quanto ousadas para acender seu corpo inteiro (e o dele) e facilitar seus orgasmos.<sup>15</sup>

O caráter normativo fica claro na linguagem impe-

rativa utilizada pela revista para falar a suas leitoras. Seja nas matérias sobre moda – “A mulher de NOVA não pode abrir mão do batom vinho neste inverno”<sup>16</sup>, ou em reportagens sobre comportamento – “Aprenda a acabar com os maus hábitos que só causam desentendimento”<sup>17</sup> – é possível perceber que a revista não assume uma postura dialógica. O que está escrito em suas páginas deve ser seguido à risca.

Assim como o segmento feminino, os homens também têm seu guia de orientações na revista, a seção *Para ele ler*. Na edição de junho de 2008, o boxe *Medida da vaidade* descreve o que os homens devem ou não fazer. “Se quiser agradar a amada mostrando que também é vaidoso, não exagere. Usar pós-barba, protetor solar e até creme para rugas, ok. Tirar a sobrancelha e fazer as unhas? Não”.<sup>18</sup>

Em *50 coisas que os homens gostariam que você soubesse*, cinquenta pessoas do sexo masculino foram convidadas a dar depoimentos sobre amor, sexo e relacionamento. A matéria já se inicia recorrendo a uma visão estereotipada da masculinidade: “Cerveja. Pornografia. Ferrari. Na maioria das vezes, é fácil descobrir o que os homens desejam e o que os deixa felizes”.<sup>19</sup> Os depoimentos só confirmam o conceito do macho heteronormativo:

Não me faça parar o carro e pedir informações a outro homem. Você gostaria que eu dissesse para se aconselhar sobre moda, com outra mulher?

Quer que eu assista a mais filmes românticos? Então, jamais conte às suas amigas se eu chorar no final de um deles.

Quando carrego sua bolsa em público, me sinto como se estivesse vestindo saia. Não me peça para fazer isso sempre.

É nesta lógica hegemônica, onde homens e mulheres se comportam de modo diferenciado porque nasceram com distintos órgãos genitais, que a maior parcela da sociedade está inserida. Neste contexto, falar em performatividade de gênero pode parecer coisa de outro mundo ou, no máximo (para os menos essencialistas), uma realidade que só diz respeito

<sup>16</sup> Revista *Nova* n. 417, jun. de 2008.

<sup>17</sup> Revista *Nova* n. 412, jan. de 2008.

<sup>18</sup> Revista *Nova* n. 417, jun. de 2008.

<sup>19</sup> *Idem*.

<sup>20</sup> LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho*. Ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 87.

<sup>21</sup> Revista *Nova* n. 417, jun. de 2008.

<sup>22</sup> Revista *Nova* n. 417, jun. de 2008.

<sup>23</sup> Revista *Nova* n. 417, jun. de 2008.

a transgêneros. E aqui cabe recorrermos à teórica Guacira Lopes Louro que nos lembra os corpos considerados “normais” e “comuns” são, também, produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos.<sup>20</sup>

Assim, o que entendemos por “mulher”, por exemplo, diz respeito menos à biologia e mais a comportamentos e artefatos legitimados socialmente como femininos. Nesse ponto, entramos em outra questão importante da análise: a “mulher de *Nova*”, citada em vários momentos como a leitora para quem a revista se dirige. Essa “mulher” é anunciada como ousada, dinâmica, liberal, prática e independente. Ávida por dicas de como ser mais eficiente na cama, ela deve ser sexy em tudo o que faz: do comer ao vestir-se. Na seção *Repórter de moda*, a “mulher de *Nova*” utiliza laçarotes em suas roupas e acessórios para ter o “poder de laçar corações”.<sup>21</sup>

A leitora é incentivada a abandonar o âmbito do estritamente doméstico e construir uma vida fora dos tradicionais padrões, descolando-se de elementos historicamente associados ao feminino, como o lar e a maternidade. Paradoxalmente, desde a busca por realização no trabalho até os esforços para conquistar o corpo ideal são guiados pelo objetivo de satisfazer os desejos masculinos. A “mulher de *Nova*” parece viver, pensar e agir em função do seu parceiro.

Mesmo sendo autoconfiante e independente financeiramente, a leitora ainda está presa a esta única regra: agradar aos homens. Daí que, se ela preparar um delicioso banho de banheira, “o gato não vai conseguir tirar as mãos do seu corpo”<sup>22</sup> ou, se aceitarem as dicas de programas *vips* da *Nova*, as leitoras vão “dançar coladinhas a gatos cheios de ginga”<sup>23</sup>. Aliado a isso, percebemos a recorrência de matérias “reveladoras” sobre o que aborrece os homens. Um exemplo está na edição de abril de 2008, que traz “Truques de beleza que os homens abominam: Descobrimos o que incomoda o sexo oposto quando você se produz para a conquista”.

O “ser mulher” em *Nova* implica vivenciar o gênero de uma forma bem determinada, que inclui certos atributos, desejos e interesses heterossexuais quase sempre submetidos a esquemas binários de homem/

mulher, feminino/masculino. Entretanto, é preciso dizer que apesar de construir um ideal de feminilidade bastante rígido, a revista escapa à associação direta entre sexo e reprodução. Em *Nova*, a finalidade do ato sexual deixa de ser a procriação para ser o orgasmo, como podemos perceber nos exemplos a seguir:

<sup>24</sup> Revista *Nova* n. 412, jan. de 2008.

<sup>25</sup> Revista *Nova* n. 413, fev. de 2008.

<sup>26</sup> LOURO, op. cit., p. 88.

Orgasmo para iniciadas: Garanta um poderoso clímax com as sensações que partem do seu clitóris e com as do Ponto G – tudo ao mesmo tempo!<sup>24</sup>

Para aumentar a intimidade, beije-o explorando o interior da boca do amado com a língua e sugue a dele como se estivesse fazendo sexo oral. Enquanto isso, aperte os músculos pélvicos até não agüentarem mais – é orgasmo simultâneo garantido.<sup>25</sup>

O que à primeira vista pode parecer uma desejável substituição acaba, no entanto, ganhando contornos de mais uma submissão feminina. É como se cada ato sexual tivesse necessariamente que ter como fim o orgasmo. Assim, a leitora escapa dos fins procriativos, mas não do imperativo do gozo.

Ainda que pense a mulher como algo além de um sexo biológico, que não se resolve no campo do natural, a publicação não deixa de tratar o sexo dentro de uma concepção binária. Esse tipo de abordagem impõe sérios limites à concepção de gênero e torna a heterossexualidade um destino irremediável, a forma compulsória de sexualidade.

A coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades. A forma “normal” de viver os gêneros aponta para a constituição da forma “normal” de família, a qual, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual e, conseqüentemente, sobre a heterossexualidade.<sup>26</sup>

Assim, podemos dizer que só há um caminho a ser seguido pela leitora da revista: a heterossexualidade. Ao analisar essa construção da mulher, surge a seguinte questão: se a “mulher de *Nova*” é moderna por que continua totalmente presa aos padrões heteronormativos? Não poderíamos esperar que essa

<sup>27</sup> Revista *Nova* n. 415, abr. de 2008.

<sup>28</sup> Revista *Nova* n. 417, jun. de 2008.

<sup>29</sup> Revista *Nova* n. 417, jun. de 2008.

<sup>30</sup> Revista *Nova* n. 417, jun. de 2008.

mulher moderna os problematizassem, contestassem ou os subvertessem?

Ao lidar com as normas sociais, “a mulher de *Nova*” só deve ser arrojada até certo ponto. Mas as regras do jogo não estão expostas assim tão claramente. Elas se mostram indiretamente entre as tantas orientações - quase ordens - dadas pela revista. As fronteiras que separam a ousadia desejável da não-preendida subversão são tênues. Assim, a supressão da menstruação, uma contestação às “leis da natureza”, é um assunto que está na pauta feminina, mas deve ser discutido com cautela.

A “mulher de *Nova*” tem, em determinados momentos, “permissão para deixar a tolerância e a doçura de lado e nocautear quem extrapolar os seus limites”<sup>27</sup>, mas não pode fazer alguns tipos de intervenção em seu corpo. Em um quadro sobre o que é considerado *sexy* e *over*, a revista cita a exibição de pequenas tatuagens em locais estratégicos em contraponto a ter o corpo muito tatuado.<sup>28</sup> Na mesma seção da edição de maio, “pernas musculosas que continuam femininas” são apontadas como *sexy* e “pernas masculinizadas” são *over*, em um claro reflexo de construção de um ideal de feminilidade.

A maneira como a relação entre amor e sexo é abordada na publicação também confirma o argumento de que homens e mulheres de *Nova* têm seus comportamentos orientados pela heteronormatividade, que elege certos tipos de práticas como legítimas. Na edição n. 413 de fev. de 2008, em *Notícias da redação*, a editora da revista afirma: “Sim, somos mulheres poderosas, decididas e... românticas até o último pelinho do braço. Não, não há nada de contraditório nisso. É que no peito de uma leitora de NOVA bate um coração louco para achar alguém especial, casar e ser feliz”.

Mensagem que o editorial parece querer reforçar na revista de jun. de 2008, ao afirmar que as mulheres são românticas de carteirinha: “A mulher de NOVA sabe que prazer com amor é a combinação mais explosiva que existe. Porque vai se contentar com menos?”<sup>29</sup> Na revista, os homens também defendem que sexo e amor funcionam melhor juntos: “O sexo está intimamente ligado aos sentimentos. Sem nenhuma admiração não tem graça”<sup>30</sup>, diz Vinícius Ribeiro, modelo

escolhido para ser o destaque do mês na *Passarela de Nova*. Nessa lógica, o sexo casual é permitido, mas não é o ideal para a “mulher de Nova” (e nem para os rapazes), já que ela não deve se transformar em uma “devoradora de homens”.

Ao considerar que os textos que tratam de sexualidade são, em geral, marcados por uma perspectiva heterossexual explícita na tentativa de conquistar e agradar o parceiro – “Homens adoram ser os primeiros. E vivem loucos para infringir as regras. O melhor de tudo: você pode usar essas duas informações a favor do seu prazer. Como? Conte a ele o seguinte segredo: “Eu nunca transei no carro/na praia/durante o almoço no trabalho”<sup>31</sup> – onde ficaria a mulher lésbica nessa história? Para *Nova*, ela não seria propriamente mulher?<sup>32</sup> Enquanto revista feminina não estaria em seus planos atingi-la?

Os textos da publicação – pertençam à seção de beleza, trabalho ou comportamento – e as fotos e ilustrações, que sempre trazem casais heterossexuais trocando carinhos dos mais tímidos aos mais íntimos, são construídos sempre com base na dicotomia homem/mulher. Ideias para surpreender o parceiro na cama, indicações de locais de azaração e dicas de *looks* provocantes compõem, do ponto de vista de *Nova*, um conjunto de conhecimentos que a mulher não pode deixar de ter.

Ao analisar as seis edições da revista, fica claro que os artigos e reportagens são dirigidos a uma mulher heterossexual. Levando em conta a existência de uma variedade de vivências lésbicas, poderíamos dizer que por se encaixar nos padrões de feminilidade da “mulher de Nova” a lésbica *femme* teria condições de se reconhecer na revista e considerar pertinentes as dicas de beleza ou carreira. Mas, ainda assim, ela precisaria abstrair o objetivo norteador de todas as orientações dadas pela revista às suas leitoras: a existência de um homem que deve ser agradado.

Diante disso, apropriando-se de um conceito utilizado por Judith Butler, concluímos que a lésbica em *Nova* encontra-se no campo do “abjeto”, posição ocupada por homens e mulheres que, de algum modo, escapam da norma heterossexual. Por perturbar a norma, esses indivíduos têm que lidar com altos custos morais, políticos, materiais, sociais e econômicos.

<sup>31</sup> Revista *Nova* n. 413, fev. de 2008.

<sup>32</sup> Nesse sentido, o resgate de um dado histórico auxilia na compreensão do argumento da feminista francesa Monique Wittig de que as lésbicas não são mulheres. Até meados do século XVII, a genitália era um fundamento inseguro para posicionar os sujeitos na ordem social. Nesse período, os anatomistas acreditavam na existência de um só corpo e, pelo menos, dois gêneros, sendo a mulher fisiologicamente um homem invertido. Somente em 1700, o órgão sexual feminino passou a se chamar vagina, que foi definida como “bainha ou órgão côncavo no qual o pênis se encaixa durante a relação sexual e por onde os bebês nascem” (BENTO, B. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008). Ou seja, heterossexualidade e maternidade davam o tom da definição do órgão sexual feminino.

<sup>33</sup> BUTLER, 2001, op cit. p. 155-156.

<sup>34</sup> PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11634.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

<sup>35</sup> Revista *Nova* n. 417, jun. de 2008.

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito (...). O sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio.<sup>33</sup>

Assim, as descontinuidades, transgressões e subversões que as categorias de sexo/gênero/sexualidade podem experimentar são levadas ao campo do incompreensível. Fora dos binarismos, não são nem mencionadas como parte do impróprio e se mantém silenciadas<sup>34</sup>. Esse lugar é visivelmente ocupado pela mulher lésbica no material investigado por nós.

Dentre as seis edições da revista analisadas, em apenas uma a homossexualidade é citada de modo explícito. Intitulada *Ela é gay ou beijar é ok?*, a matéria fala sobre a existência de mulheres que se beijam, mas não são necessariamente lésbicas, o que já significa que a discussão não é propriamente sobre a homossexualidade. Sendo assim, como a revista explica esse fenômeno? “Bem-vinda a era da heteroflexibilidade!” (n° 417, junho de 2008), é o que *Nova* nos diz. Em uníssono, os depoimentos atestam uma heterossexualidade inabalável:

Não tinha nada a ver com desejo, erotismo. Gostamos mesmo é de homem.

Esse tipo de carinho não significa nada para a gente, não representa mudança em nossa orientação sexual.

Não sinto que esteja testando minha heterossexualidade. Pois sei que mulher alguma pode substituir meu homem, que amo e com quem transo de verdade.

Como é recorrente na revista, uma psicóloga é acionada para fornecer uma visão “científica” sobre a questão: “Uma sequência de beijos por si só não é parâmetro para definir se elas são héteros ou não (...) Muitas podem ter apenas detectado algo que excita os homens nesse tipo de comportamento e fazem isso para agradá-los”.<sup>35</sup>

É preciso deixar bem claro que não estamos aqui questionando a existência da “heteroflexibilidade”. O Ministério da Saúde já reconheceu a existência de homens que fazem sexo com homens (HSH) e não assumem uma identidade gay. Se há um assunto a ser problematizado é o fato de que, no material analisado, o único momento em que a homossexualidade feminina é insinuada na revista é também aquele em que ela é totalmente refutada. No fim das contas, a revista queria apenas falar sobre mulheres que descobriram no ato de beijar outras mulheres uma “sensação de liberdade”, uma experimentação interessante e um meio de agradar seus parceiros, o que confirma o silenciamento da vivência lésbica nas páginas da *Nova*.

Como no exemplo anterior, é grande o número de colaboradores e especialistas acionados por *Nova* para complementar o trabalho dos jornalistas. A publicação pega de empréstimo o conhecimento de profissionais que não integram sua estrutura editorial para conferir um status de veracidade e cientificidade à informação, recurso muito comum principalmente nas editorias de sexo e saúde.

O discurso da heteronormatividade em *Nova* é legitimado constantemente pelo uso do saber dito científico. Os(as) especialistas - ginecologistas, psicólogos, sexólogos, terapeutas e pesquisadores - são consultados sempre que se deseja conferir credibilidade a uma mensagem. A revista recorre à voz do(a) especialista, enquanto detentor de um conhecimento específico, sempre que deseja evocar certa legitimidade ou conferir um tom científico à matéria.

Na edição de janeiro de 2008, a revista oferece “informações quantíssimas de um instituto de pesquisa” que ajudam a leitora a descobrir em quais cidades há mais chances de encontrar “um namorado companheiro ou bom de cozinha ou bem resolvido...”. Nesse caso, a referência a um instituto de pesquisa quer evocar uma reação de crença no que está escrito na publicação, pois não é qualquer pessoa que está defendendo a relação entre o comportamento masculino e espaço geográfico.

E aqui gostaríamos de fazer um breve resgate histórico. Ao percebermos nas páginas da revista *Nova* o respeitado lugar de fala da ciência quando o assunto é sexualidade, podemos entender o quanto o esforço

<sup>36</sup> LOURO, op. cit., p. 78-79.

<sup>37</sup> Revista *Nova* n. 416, mai. de 2008.

pela categorização do sexo, empreendido desde o final do século XIX, em destaque através do surgimento da Sexologia, ainda mantém suas raízes bem fincadas. É nesse período que:

homens vitorianos, médicos e também filósofos, moralistas e pensadores fazem “descobertas”, definições e classificações sobre o corpo das mulheres. Suas proclamações têm expressivos e persistentes efeitos de verdade. A partir de seu olhar “autorizado”, diferenças entre sujeitos e práticas sexuais são inapelavelmente estabelecidas. (...) Busca-se, tenazmente, conhecer, explicar, identificar e também classificar, dividir, regar e disciplinar a sexualidade. Produzem-se discursos carregados de autoridade científica.<sup>36</sup>

Estes especialistas, abalizados e autorizados para falar sobre o assunto e responder às indagações, têm em suas mãos o poder da ciência e da pesquisa em relação a quem os ouve - as leitoras. Suas falas são baseadas num referente técnico que não deve ser questionado e sim, seguido. Nesse sentido, o discurso científico seduz a partir da produção de verdades nas quais estão embasadas as noções do que é certo ou errado, o que é natural ou não, o que deve ou não deve ser feito.

Na edição de maio, a revista *Nova* usa estudos para propagar a idéia do sexo oral como ingrediente essencial aos relacionamentos – “Recente pesquisa conduzida por britânicos concluiu que a maioria dos relacionamentos entre casais é mais bem-sucedida quando eles praticam sexo oral” – e reforçar a existência do ponto G: “O que NOVA já sabia ganha agora provas irrefutáveis. Cientistas italianos anunciaram ter realizado, pela primeira vez, ultra-sonografias que comprovam a existência do ponto G – aquela pequena área da vagina que, quando estimulada, proporciona orgasmos mais intensos”.<sup>37</sup>

Juntos, os quatro eixos de análise elencados por nós colaboram para a manutenção da força da heteronormatividade, que apesar de ser concebida e propagada como a ordem natural das coisas, necessita constantemente de reiteração. O seguinte trecho, retirado da matéria *Orgasmos para iniciadas*, é bastante representativo dos diversos tópicos discutidos aqui:

Você, legítima mulher de NOVA, já sabe: existe um orgasmo que parte do clitóris e outro que nasce bem ali, no seu ponto G, localizado na parede anterior da vagina – e os dois são para lá de divinais. Agora, imagine o baita prazer que terá se combiná-los para um final digno de fogos de artifício. Só precisa aprender técnicas específicas para garantir esse orgasmo combo – como as explicadas a seguir – e praticar. Sexólogos avisam: toda garota pode se tornar mestra nessa arte!<sup>38</sup>

<sup>38</sup> Revista *Nova* n. 413, fev. de 2008.

A jornalista, que se dirige à leitora de um modo invariavelmente imperativo e professoral, pressupõe a existência da “legítima mulher de *Nova*”, alguém com um jeito moderno, prático e liberal de ser, com a qual ela partilha conhecimentos. Conhecimentos esses que são científicos e fornecem à “mulher de *Nova*” o aval para a busca incessante pelo prazer sem culpa e as informações necessárias para a total harmonia com o seu amor, que haverá de ser sempre um homem.

### **Considerações finais**

Ao analisar as seis edições de *Nova*, constatamos que “ser mulher” para a revista significa estar circunscrita a uma série de ideais regulatórios. É preciso ser bem-sucedida no trabalho, preocupar-se com a saúde, estar atenta à moda ao vestir-se, usar e abusar de técnicas e cosméticos para seguir padrões de beleza, e estar bem informada sobre sexo. O conhecimento sobre a temática sexual, fundamentado em fontes científicas, é essencial para a realização da mulher de *Nova*. Orientações, dicas e truques para ter prazer na cama – e principalmente dar prazer – são informações importantes para aquelas que querem cumprir o perfil propagado pela publicação – o de agradar o parceiro.

O grande número de orientações e normas ditadas por *Nova* para suas leitoras dá indícios do quanto a construção dessa “mulher” é arbitrária e requer uma série de atitudes e investimentos constantes. Em outras palavras, mostra que a diferença entre os corpos e comportamentos femininos e masculinos é performativa, ou seja, é construída socialmente e necessita de reiteração. Afinal, se todos já estivessem plenamente conformados com essa realidade, porque

a revista precisaria, a todo momento, indicar o que as mulheres devem fazer?

Ainda que as mulheres sejam o foco de *Nova*, os homens também não escapam dos ideais regulatórios da publicação. O parceiro, tantas vezes mencionado nas páginas da revista, não deixa dúvidas acerca de sua identidade: deve ser um homem, “macho”, preocupado com a própria aparência, romântico apenas o suficiente para fazer a mulher apaixonar-se e pronto para ser agradado. Mas se a pessoa a ser conquistada pela leitora for, na verdade, uma parceira? E se a mulher que busca independência profissional, preocupa-se com o próprio corpo e um moderno corte de cabelo, não quer ler receitas de bolo, nem deseja aprender a cuidar de crianças, quiser conquistar outra mulher?

Será que ao se identificar com muitos dos padrões disseminados por *Nova*, a mulher lésbica pode ignorar o fato de toda a revista ser construída em cima da relação homem/mulher e ainda assim ter uma leitura agradável, aproveitando os conselhos e passo-a-passo fornecidos pela publicação? Tal caminho se mostra difícil quando consideramos que a lésbica está fora do ideal de valorização da mulher propagado pela revista.

Se percorrermos um extremo ao outro das nuances de possibilidades de vivências lésbicas – da lésbica feminina ou *femme* que passaria facilmente por heterossexual até a lésbica masculinizada ou *butch* – encontraremos diferentes possibilidades de identificação com as ideias propagadas por *Nova*. Todas elas, entretanto, se chocarão com o fato de essa mulher da revista estar inscrita na heterossexualidade.

Talvez a saída mais confortável nesse caso seria apostar na segmentação do mercado. Deixar *Nova* e sua mulher heterossexual em paz, partindo para a criação de mídias especializadas que deem conta das demandas das mulheres lésbicas. Sem dúvida, a segmentação é uma alternativa, mas não pode nos impedir de problematizar o que se esconde por trás do modelo de mulher e de feminino em revistas como *Nova*. Discutir por que a mulher lésbica é uma não-mulher, no sentido de que uma revista assumidamente feminina não tem a pretensão de levar em conta seus desejos e práticas.

Isso mostra o quanto a construção do feminino e da feminilidade na sociedade está completamente atrelada a um ideal regulatório heterossexual, a ponto de publicações que se auto-intitulam “femininas” não terem, abertamente, o propósito de atingir as mulheres lésbicas. Dessa forma, as revistas são direcionadas para mulheres e, nessa perspectiva, lésbicas não seriam mulheres.

<sup>39</sup> BUTLER, 2001, op. cit. p. 156.

Isso porque ainda que se liberte da dupla casa-maternidade, a “mulher de *Nova*” não está livre do papel da boa amante *hetero*, que deve ser perseguido sempre lançando mão de seu poder de sedução e do “jeitinho” feminino. Livre do ato sexual que visa a reprodução, a leitora se permite experimentar o sexo por prazer e, sempre que possível, o sexo com prazer e amor. No entanto, fica a dúvida de até que ponto essa suposta liberação sexual não acaba se tornando mais uma imposição a qual a leitora está submetida. A imposição de fazer sexo, com frequência e bem-feito.

No fundo, a mulher em *Nova* continua sendo aquela que encontra no homem o seu ponto de realização. É como se pudéssemos escutar a revista falando “de que vale uma mulher com um belo corpo, dinheiro e sucesso, mas sem um grande amor?” Nesse sentido, apenas quando o objetivo de *Nova* e de outras revistas femininas for a contemplação das diversas formas de feminilidade, e não somente do feminino – intrinsecamente relacionado à heterossexualidade compulsória –, lésbicas, bissexuais, transgêneros, assim como negras, índias, pobres, gordas e todas aquelas que desejam ser reconhecidas como mulheres se sentirão representadas no que está escrito em suas páginas.

E, assim, a partir de um processo de não mais se identificar com as normas regulatórias que materializam as diferenças sexuais, haveria “uma recontextualização da questão de se saber quais corpos pesam e quais corpos devem emergir como preocupações que possam ter um peso crítico”.<sup>39</sup>

## Referências

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 153-172.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GALLINA, Justina Franchi. (Por) quê corpo importa? Uma alteridade queer no cinema independente norte-americano. In: VII Encontro Internacional Fazendo Gênero, 2006, Florianópolis. *Anais Eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Justina\\_Franchi\\_Gallina\\_16.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Justina_Franchi_Gallina_16.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho*. Ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LIMA, Luísa Guimarães. Você, mulher em revista. Estudo sobre uma modernização do discurso de gênero, na década de 70. In: *XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, 2003, Belo Horizonte.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas*. A segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho D'água/Fapesp, 2001.

PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11634.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

PUBLIABRIL. Desenvolvido pela Editora Abril S.A. Site oficial da Editora Abril. Disponível em <<http://www.pu->

bliabril.com.br/marcas/nova/revista/informacoes-gerais>.  
Acesso em: 30 jun. 2010.

SIMON, W. and J.H. GAGNON. A sexual scripts approach.  
In: GEER, J. and O'DONAHUE, W. (Eds.). *Theories of human sexuality*. New York: Plenum, 1987, p. 363-383.

ULIANA, Márcia Bortoli. Páginas de revista: a construção de uma “nova” mulher. *Espaço Plural*, Cascavel, v. 7, n. 15, p. 32-35, 2006.

### **Revistas**

NOVA. São Paulo, ano 36, n. 412, jan. 2008.

NOVA. São Paulo, ano 36, n. 413, fev. 2008.

NOVA. São Paulo, ano 36, n. 414, mar. 2008.

NOVA. São Paulo, ano 36, n. 415, abr. 2008.

NOVA. São Paulo, ano 36, n. 416, maio 2008.

NOVA. São Paulo, ano 36, n. 417, jun. 2008.